



JUNHO

2023



Nova Atena

Saber e Bem-Estar



Vamos Trazer a
Palavra Escrita
aos Nossos Dias!



JUNHO

2023

ÍNDICE

AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
Faustino Vital	A palavra que nos persegue	2
Faustino Vital	Acudem, que não sei música	3
Fernando Baptista	Tempo de Santos Populares	4
Francisco Lourenço	IVA Zero	5
Francisco Lourenço	Quadras alusivas ao Santo António	6
Graça Cêncio	Qual vida?	7
Graça Cêncio	Quando a vida nos quer derrubar	8
Isabel Pernes	Há palavras que nos beijam como se tivessem boca	9
Isabel Pernes	Hoje, quase tudo é possível com tecnologia	10
Isabel Pernes	Uma casa que nem casa fosse, só um lugar onde o lume fosse aceso	11
Jerónimo Pamplona	A vida é mais tempo alegre do que triste	12
Jerónimo Pamplona	Nenhuma brisa é triste	13
Luísa Machado Rodrigues	Eugénio	14
Maria de Lourdes Santos	Estrela da manhã	15
Maria de Lourdes Santos	Junho e a pureza das crianças (1)	16
Maria de Lourdes Santos	Junho e a pureza das crianças (2)	17
Maria Silveira	Morangos	18
Mitú Branco	Quando eu partir	19
Mitú Branco	Três horas da manhã	20





nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

Acudam, que não sei música

Acudam, que não sei música

Que estranhos e esquisitos

Caracteres são estes

Que eu não entendo,

Escrevo por cima

Em cinco linhas de pauta

Poesia que devia ser música

Que devia soar como tal

Mas não oiço som algum.

No entanto a poesia

É comunicação sensorial

Como a música tocada

Mas, não tem notas

Pode não se ouvir como tal

Mas tem tonalidade de voz,

O som das palavras

Das frases que dizem

Da intenção que se deduz

Do tom das finalizações

Do contínuo versejar

Que ao acontecer

Não tem claves

Mas tem som integral

Sim, afinal a poesia

Quando declamada

É musical.



nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

A palavra que nos persegue

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

A palavra que nos persegue

Não sei se já vos aconteceu, em mim é uma constante e os dias são muitas vezes preenchidos por coisas que teimosamente voltam à minha memória uma e outra vez. Refiro-me às palavras, normalmente só a uma, que se agarra ao meu consciente como uma lapa que por mais esforço que eu faça não despega. Identificando um dia ao acaso aparece na minha mente “Alhambra”, palavra que me faz recordar algo, longínquas paragens cheias de história e misteriosamente exótica, que nos remete ao tempo dos turbantes, barbas compridas e cuidadas, de jardins interiores com fontes murmurantes em recantos sombrios e frescos, e o activo cheiro de laranjas cortadas recentes. Tudo isto vem num repente só pela repetição dessa palavra que eu não consigo descartar de mim. E, de momento a momento, mais ou menos longo ela aí vem de volta, esteja eu a fazer o que for, e vai convivendo comigo todo o santo dia.

Noutros dias há outras, pegajosas, embora bonitas, tão sonantes ou muito simplesmente vulgares como as que usamos todos os dias: Dior, Xanadu, Jeans, Akita, Dióspiro, Shirt, Lampur, Ignoto, Masquat, Hirosaki, Cambraia, Salónica, Veludo, Hiraklion, Seda, Lassa, Composição, Goiaba, Xangai, Desenho, Katmandu, etc, etc.

O poder e a sonoridade das palavras são relatos vivos daquilo que somos, por isso quando juntas os livros são atraentes, belos e imortais.

Finda o dia e eu espero pelo seguinte em que me apareça uma nova palavra que fica presa na minha mente com um nó bem apertado.

Só não sei qual a que me vai sair amanhã.

Depois das férias, eu conto-vos.



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Fernando Baptista

género

POESIA PROSA

título

Tempo de Santos Populares

Tempo de Santos Populares

Vai um copinho de três? Não; só de dois. Já bebi de mais hoje! É uma taberna rasca ali para os lados da Mouraria. No poleiro um papagaio que pergunta: “Já pagaste sacana”?

Lá dentro pessoal que andou nos cacilheiros, nos navios mercantes e cargueiros, e outros cujo local de paragem é aquela tasca onde os copos de dois e de três os esquece do prato vazio em casa.

Sente-se o perfume acre das iscas, mulheres sólidas e jubiladas riam alto, insultavam quem para elas fixasse olhar sem qualquer pedido de acompanhamento.

Num cubículo, na esquina da rua, alguém a quem chamam enfermeiro, tratava de doenças venéreas com zelo e aplicação.

Chiavam os eléctricos e alguns guarda-freios esperavam pelos retardatários já bem bebidos.

Hoje a Mouraria já não é assim. Basta olhar; quem por ali nasceu ou vive, sabe que a modernidade o coloca sempre no ponto de partida, porque Lisboa é uma cidade sempre repleta de inacabáveis viagens.

Dizem que foi baptizada nas águas do Tejo! Se as cidades são mulheres, Lisboa é porventura a mais bela de todas!

E o lisboeta? Ah! Esse, é uma criatura de luxo e de parada: um rabulista e um fabulista. Ri de tudo, cara estanhada, narrador de histórias e contador de anedotas. Come as vogais e fala grosso; áspero, brigão, vaidoso, teso como as armas e teso de dinheiros.

Nunca lhe falta um aceno cordial para umas “camones”. Oferece-lhes um sorriso brejeiro, uma palavra macia, coloca a mão fraterna no ombro e oferece-se para lhes mostrar a sua cidade, os seus monumentos, (os seus becos de bebedeira) e se for o caso até lhes recita umas quadras antigas, que aprendeu ainda na meninice.

Aproveita para com elas se regalar pelas tabernas da beira rio com o que lhes explica serem as comidas típicas. Cachucho frito, meia desfeita ou pataniscas de bacalhau, sardinha assada com salada de pimentos, vinho de pipa, café e aguardente. Elas pagam.

Seguem para a Avenida da Liberdade. Sobem a Calçada da Glória por entre risos cada vez mais sonoros, e bem lá no cimo uma vista deslumbrante da cidade no miradouro de S. Pedro de Alcântara.

Aos poucos regressam à Mouraria e a outro beco onde uma guitarra e uma viola vão acompanhando amadores a cantar o fado.

Alta madrugada, poderão ou não dormir com as “camones” no seu hotel, mas no bolso já estão duas notas para o almoço do dia seguinte. Amanhã haverá mais turistas a desejar conhecer Lisboa.

Lisboa pertence a quem a ama.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

IVA ZERO

IVA ZERO

Tudo aumentou, antes do IVA ZERO
Preços que sobem, mas isso não quero!

Aumenta o tomate, aumenta a maçã
Mas que disparete, numa Inspeção vã!
Aumenta a cenoura e mais a batata
É só propaganda de vida barata!

Aumenta o peixe, aumenta o pão
O IVA ZERO é muito ladrão!
Aumenta a hortaliça e mais os nabos
Torna-se urgente a revolta dos cravos!

Só não aumenta o nosso salário
A Maioria Absoluta virou um calvário
Será da guerra, será da inflação
Baixar os impostos, resolve a questão!

Tudo aumenta, menos a Pensão
Vão-se as poupanças, mas os sonhos não!



nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

Quadras alusivas ao Santo António

Quadras alusivas ao Santo António

Santo António, Santo António

Eu, noiva quero arranjar

No dia 13 de Junho

Em Lisboa quero casar

Ó meu Rico Santo António

Tu que és casamenteiro

Procuro uma noiva bonita

Com casa, carro e dinheiro!

Encontrei uma Noiva Linda

No jardim da Nova Atena

Não quero carro nem dinheiro

Porque a noiva vale a pena!

Olha a sardinha prateada

No Santo António a reinar

És um Santo Milagreiro

Muitos noivos vais casar!

À minha Noiva Bonita

Dei vaso com manjerico

Bem-haja meu Santo António

Mas solteiro, é que eu não fico!

Santo António Milagreiro, para casar há mil maneiras

Um bom lugar para dar o Sim, é junto ao mar em Oeiras



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Graça Cêncio

gênero

POESIA PROSA

título

Qual vida?

Qual vida?

Por entre silêncios e gritos
A vida vai-se esgotando
Uns sorriem outros choram
Uns nascem outros morrem.

Quantas vidas se vivem
Quantas vidas apenas vegetam
Muitas outras se esmorecem
E muitas outras se despertam.

Somos nós que fazemos a vida
Ou é a vida que nos faz...

Não tenho resposta pronta
Nem sei se algum dia terei.



nome

Graça Cêncio

gênero

POESIA PROSA

título

Quando a vida nos quer derrubar

Quando a vida nos quer derrubar

Mafalda acordou estremunhada com a luz do sol que penetrava pelas frestas da janela. O dia acordava luminoso enquanto ela estava mergulhada numa escuridão impenetrável. Que raio de contradição. Porque é que nada convergia? De novo sentia que nada batia certo cada vez que se erguia. Não podiam acusá-la de falta de resiliência. Todas as vezes que caía, reganhava forças e voltava à luta. Desta vez estava exausta e sem coragem para se erguer.

Estava decidida. Continuará deitada, cerraria a janela para escurecer o quarto e colocaria tampões nos ouvidos para não ser importunada. Acabou. Não iria tentar dar a volta por cima. Os outros... Que raio, os outros, sempre os outros.

Era o Karma, o destino, o azar?

Fosse lá o que fosse, desta vez não cederia.

Bateram à porta suavemente.

Não, não ia responder.

Voltaram a bater, com mais vigor.

Não. Estava decidida a não dar sinal de vida.

Deixaram de bater. Mafalda respirou fundo.

De repente, mesmo com os tampões nos ouvidos, apercebeu-se de uma enorme gritaria. Tirou os tampões e nem queria acreditar. Eram gemidos, soluços, berros aflitivos: A mãe não responde! Chamem o INEM!

Não! Não podia ficar ali. Não era justo. AFINAL, ELA ERA O PILAR DE TODOS ELES. E ERA AMADA.



nome

Isabel Pernes

género

POESIA PROSA

título

Há palavras que nos beijam, como se tivessem boca

Há palavras que nos beijam, como se tivessem boca

Oh! Vó amo-te tanto, tinha tantas saudades tuas!

Se ouvir isto uma vez é sentirmo-nos abraçadas, beijadas, queridas como se tudo se tudo o que há de ruim no mundo não existisse, o sol brilhasse fulgurante e o som do mar fosse aquele marejar que gostamos de ouvir no silêncio ou ouvirmos o ronronar dos nossos gatos mesmo que eles já não existam, a juntar a tudo o que mais que adoramos na vida, ouvir isto duas vezes seguidas de dois netos aos quais abraçamos e nos abraçam é simplesmente sentir tudo a dobrar.

Palavras como estas beijam-nos com beijinhos directos à caixinha das coisas boas ,o coração.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Isabel Pernes

gênero

POESIA PROSA

título

Hoje, quase tudo é possível com tecnologia...

Hoje, quase tudo é possível com tecnologia Mas nada substitui o cantinho de uma carícia

A casa está sem vida

Apenas a tela de um computador

Debita imagem ou está parada num texto

Imagem essa que se poderia ter apagado

e nada mudava

De repente uma porta abre-se

Duas crianças barulhentas entram

A casa sorri

Revivi estão a chegar, estes sons são a minha vida

Três vozes, três pessoas, várias respostas a perguntas já feitas

Algumas a pessoa a quem são dirigidas tem de pensar

Não quer mal entendidos

Outras têm respostas imediatas, nem que seja uma gargalhada

A casa vive, tem som, tem gente

Gente que vive, tem som, que se rie, que se abraça

Que se aconchega num abraço ou num colinho,

Nada melhor que um colinho e uns mimosos

Pensa a casa, viva



nome

Isabel Pernes

género

POESIA PROSA

título

Uma casa que nem casa fosse só
um lugar onde o lume fosse aceso

Uma casa que nem casa fosse só um lugar onde o lume fosse aceso

Nevava, nevava muito. Triste e só naquele lugar escuro que deveria ser uma casa, mas que não era. Não havia calor, nem pessoas, nem nada.

Naquele lugar triste e frio, foi passar o tempo que o seu corpo e mente, naquela altura lhe pediam.

Passou o tempo e ela continuava naquela casa que não era casa.

Um dia o sol brilhou e o calor no seu coração voltou.

E depressa aquela casa que nem casa era passou a ser um lar onde o lume, se acendia, tanto no coração da casa como no dela.



nome

Jerónimo Pamplona

género

 POESIA PROSA

título

A vida é mais tempo alegre do que triste

“A vida é mais tempo alegre do que triste”

Quando recebi a notícia de que seria este o tema da semana, estava a ver, na RTP1, a novela Vizinhas: *“Depois de toda uma vida separadas, duas amigas de infância reencontram-se, já viúvas e idosas, na aldeia onde cresceram. Enfrentam a decisão dos familiares pretenderem interná-las num lar. A uma delas porque teria problemas de demência (Alzheimer?!), a outra porque tem problemas de mobilidade. Sabendo que estão na fase final da vida, as duas amigas esforçam-se por cumprir a promessa da infância de ficarem juntas para sempre (inspirada no livro “Prantos, Amores e Outros Desvarios” de Teolinda Gersão)”*

Num segundo momento, pensei: - Há vidas e vidas! Há vidas que sim e há outras que não! Quantas vidas cabem numa vida? Até há vidas que morrem no útero, outras durante o parto e outras na infância! Querendo disciplinar os pensamentos que estavam a invadir o meu cérebro, fugi para a comparação da vida do ser humano com uma viagem de avião.

Levantar voo – a intensidade do risco que se corre no arranque da aeronave pode ser comparada com o *Bullying* que se pode sofrer desde o Jardim de infância até à Universidade. Pode manifestar-se por violência física, verbal, emocional, cyberbullying e bullying sexual.

Velocidade de Cruzeiro – a entrada do avião em turbulência pode comparar-se com os diferentes desafios que tem de enfrentar o ser humano no decurso da vida profissional ou quando se depara com o divórcio.

Aterragem – Os riscos da aterragem podem ser comparados com a velhice, ficar o dia inteiro no sofá = Borregar, Desistir.



nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

Nenhuma brisa é triste

Nenhuma brisa é triste

Foi em Corfu, ilha do mar jónico, Grécia
Que deitados nas areias brancas daquela praia
Sentimos as vibrações frescas que veem do Sul
soprando ao sabor das ondas do mar para terra

Foi ali que as tuas mãos chamaram por mim
Rememoramos o nosso passado e o amor aconteceu
Acariciados por uma brisa acalentadora que não é triste
Somos um só na vida, já longa, que nos tem unido.

Se tu és a minha amada
Só tu podes ouvir e ler o meu olhar
Entenderás o quanto te quero, junto de mim
Para sentir-te, tocar-te e pegar nas tuas mãos.

Vem, vamos partilhar os nossos gostos e crenças,
os nossos devaneios, olhando para um futuro
que apela por nós e nos leva para outra dimensão,
dando-nos alento e forças para nos querermos bem!



nome

Luísa Machado Rodrigues

género

 POESIA PROSA

título

Eugénio

Eugénio

Garoto de origem modesta, José Fontinhas, oriundo da Cova da Beira, viu-se em Lisboa aos 10 anos só com sua mãe, fruto da separação de seus pais. Andou no liceu, seguiu o então designado ensino técnico, rodavam os anos 30. Foi funcionário da administração pública como meio de sustento primeiro, pois em paralelo, era a escrita, incluindo a poesia, o seu dom maior, que dele fez o memorável Eugénio de Andrade.

Figura maior da literatura portuguesa do século XX, biografia e obra estão por demais divulgadas e ao alcance de todos, pelo que não é aqui objetivo a sua especificação.

Vem ao caso a experiência recentemente vivida em contexto de visita de estudo da Nova Atena* no âmbito do centenário em 2023 do eminente poeta e das 'descobertas' que a mesma proporcionou.

Destacou-se, o reconhecimento da comunidade local com a preservação da modesta casa de infância do escritor, na Póvoa da Atalaia, cuja fachada está assinalada e que pudemos observar, materializando de algum modo quanto humilde foi a origem de Eugénio em oposição à grande figura que foi, cuja vida e legado são marco da nossa cultura e mereceram, aliás, o Prémio Camões em 2011 dentre as muitas distinções recebidas.

Eloquente também, foi a visita à singela Casa da Poesia Eugénio de Andrade, instalada numa antiga escola primária da sua terra natal. Rica de informação nos painéis expostos, aquela teve a particularidade interativa de colocar à disposição folhas A5 com textos impressos que nos permitiram revisitar num ápice poemas como: Campos de Atalaia, Póvoa de Atalaia, Mulheres de Preto, Casa na Chuva e Canção. Mais, foi especial trazer na bagagem um testemunho do próprio Eugénio integrador das suas raízes e da sua poesia:

- Sou filho de camponeses, passei a infância numa daquelas aldeias da Beira Baixa [...], desde pequeno, de abundante só conheci o sol e a água. Nesse tempo, que só não foi de pobreza por estar cheio de amor vigilante e sem fadiga de minha mãe, aprendi que poucas coisas há absolutamente necessárias. São essas coisas que os meus versos amam e exaltam. A terra e a água, a luz e o vento consubstanciaram-se para dar corpo a todo o amor de que a minha poesia é capaz. Guardo desse tempo [...] o amor pela brancura da cal [...], o canto duro das cigarras; uma preferência pela linguagem falada, quase reduzida às palavras nuas e limpas de um cerimonial arcaico – o da comunicação das necessidades primeiras do corpo e da alma [...].

Obrigada, Eugénio! Viveste e faleceste no Porto, privaste com a nata intelectual do teu tempo. Uma Fundação a ti dedicada foi extinta há anos, há a promessa de não deixar esquecido o teu acervo que se encontra atualmente na "Casa dos Livros", na Faculdade de Letras da Universidade do Porto... Que se cumpra!!!

2023.06.19

*Grata ao prof. Luís Santos, disciplina de Literatura Portuguesa



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria de Lourdes Santos

gênero

POESIA PROSA

título

Estrela da manhã

Estrela da manhã

Estrela especial ainda visível ao amanhecer. Sugere-me assim a fronteira entre a escuridão da noite e a luz do novo dia que nasce. É a ponte de luz entre o antes e o depois.

Pontinho de luz resistente e pioneiro que ornamenta harmoniosamente o teto do nosso Planeta na manhã do novo dia.

Olhar as estrelas encanta-me, acalma-me, dá asas ao meu sonho, eleva-me.

Elas mostram-me a esperança, reforçada na imensidão.

São companhia fiel, silenciosa, acolhedora, em momentos de solidão ou de celebração.

São símbolos multifacetados de orientação luminosa.

São matéria da minha matéria e eu sou matéria da sua matéria.

São tudo o que eu deseje que sejam, tal a grandeza da nossa fusão.

Nas noites estreladas dos verões quentes do meu Alentejo, a cumplicidade foi crescendo e muito precocemente a sentia e nela me aconchegava; eram fiéis companheiras dos meus silêncios e sonhos.

Hoje tudo continua tão presente nas minhas recordações!

Elas estão lá, sei disso, porém nem sempre as vejo, (nem sempre é verão de noite estrelada).

Há circunstâncias que turvam a sua visibilidade, mas que importa?

Sei que estão lá e posso convidá-las para junto de mim, sentir a sua companhia e o seu calor.

Sei que um dia serei eu a subir na sua direção e como as sinto já acolhedoras e familiares!

Enquanto aqui estiver quero sempre, de dia e de noite, ininterruptamente, a sua luz a iluminar os meus momentos já luminosos e sobretudo os ainda sombrios. Quero-as na noite escura da alma para que iluminem a minha sombra num reforço de fé e de esperança.

Confio na sua ajuda ao deslizar na imensidão que me confunde entre caminhos livres e obstáculos tenebrosos que espreitam e querem que eu ignore que há estrelas.

Sei que elas não desistem de mim, aguardam luminosamente que eu as olhe e me entregue confiante ao seu calor e luz natural.

A Estrela da Manhã simboliza a renovação que cada Dia me oferece.

Eu amo as estrelas em geral enquanto parte do universo a que eu e elas pertencemos.

Quero-as pelo tempo que seja o meu tempo aqui.

Quero-as para lá deste meu tempo e desejo tê-las a receberem-me quando eu subir e me fundir nas constelações!!



nome

Mária de Lourdes Santos

gênero

 POESIA PROSA

título

Junho e a pureza das crianças
(1)

JUNHO E A PUREZA DAS CRIANÇAS - I

Era uma criança alegre, risonha, expressiva, muito dotada e, sobretudo e mais importante, habitada por um coração puro. Já partiu, deixou muita saudade, memórias de muita alegria partilhada com os que passamos pela sua vida. O seu humor era tão genuíno, espontâneo e discreto que nem ela tinha noção e ficava até surpreendida como nos fazia rir com a sua graça natural e inocente. Vão conhecê-la um pouco:

“ELE NÃO SABE QUE EU NAMORO COM ELE”

Sendo o seu estado natural bem-disposto e risonho, nesse dia chegou a casa, de regresso da escola, triste e chorosa. Foi uma surpresa para todos. A mãe confortou-a imediatamente, desconhecendo ainda a razão de tal desgosto. Aos poucos e com a permissão das lágrimas que jorravam em cascata, e a respiração ofegante, lá foi dizendo que um menino a empurrou, caiu, magoou-se e ele nem a ajudou a levantar-se!

A mãe confortou-a, dizendo que talvez o menino não tenha pesado bem quanto a sua atitude a magoara e que não valorizasse assim tanto! Porém, as lágrimas continuavam imparáveis bem como imparável continuava o conforto oferecido pela mãe. Mas o choro continuava, parecia infundável.....

E eis que,.... como ressurgindo das cinzas, erguendo-se e com total convicção disse: “Mãezinha já sei porque é que ele me empurrou!”. A mãe surpreendidíssima também quis saber a razão; e a resposta surgiu imediatamente: “ele não sabe que eu namoro com ele”. (Esta justificação veio mais tarde a provocar muito riso).

Grande inocência! Elevado conceito de que namorar, ligar-se a outro de coração apaixonado, é sinónimo de cumplicidade, companheirismo, estima, parceria saudável!

No coraçãozinho daquela menina de sete anos seria a matriz natural do namoro, onde a violência não tinha lugar e assim, pelo choro, manifestava a sua decepção e rejeição ao comportamento alheio.

O empurrão que tanto a incomodou é a demonstração de dois mundos diferentes.

O menino, simbolizando o lado sombra, a ação aguerrida, insensível e provocante.

A menina, simbolizando o lado luz, a sensibilidade, o sonho da felicidade na cumplicidade e partilha de valores nas relações.

Aparentemente poderá ser considerada uma situação sem grande significado, na medida em que se tratou de duas crianças de sete anos de idade e portanto, fora da abrangência que aqui é abordada em forma de paralelismo. Refletindo e projetando nos caminhos dos adultos, poderá explicar divergências nos relacionamentos, isto é: o estado vibracional não paralelo, não similar, poderá resultar em atitudes antagónicas que afastam, entristecem, magoam.

O objetivo desta abordagem prende-se com uma simples mas sentida homenagem a alguém muito especial e que até na sua dor de “namorar com quem nem sabia”, nos fazia rir de forma natural e espontânea, sempre que recordávamos este episódio de ingenuidade e pureza. Era um de entre muitos. Deixou memórias que perduram nos nossos corações. Era dotada a cantar, a escrever a expressar-se! Irmã e Confiável Amiga, tivemos um percurso comum, de muita cumplicidade e cada vez sinto mais a sua ausência. Confidentes autênticos e puros há poucos. Crescemos juntas, foram anos e anos de caminho comum muito rico, feliz, leve e alegre. Há seres insubstituíveis!

Sei que vamos reencontrar-nos um dia e, onde isso acontecer, vamos continuar a rir muito.



nome

Mária de Lourdes Santos

género

 POESIA PROSA

título

Junho e a pureza das
crianças (2)

JUNHO E A PUREZA DAS CRIANÇAS – II

O menino era filho único, adorava ir a casa dos tios e passar o seu tempo na companhia de todos, sobretudo das primas um pouco mais novas que ele.

Frequentava a Escola Primária, assim designada nesses tempos, até às 15 horas e de seguida, dirigia-se à casa dos tios onde também recebia ajuda para fazer os trabalhos escolares. A matemática era aonde tinha maiores dificuldades. O tio ajudava dando pistas que o estimulavam a pensar. As priminhas, gostavam de estar presentes, sobretudo pela companhia que se faziam uns aos outros (verdadeiro espírito de prazer no convívio familiar), assim interpreto hoje tanto do que acontecia espontaneamente, sem livros a ditar regras exaustivas de conduta! A sensatez dos pais era modelo para os filhos e eram tempos de noções muito claras, não se funcionava por modas descartáveis, mas por princípios e discernimento dos valores.

Ao menino nesse dia, mais uma vez lhe era dada a oportunidade de pensar e repensar na resolução de um problema.

Lia e relia o enunciado, virava e revirava os olhos, percorria o espaço envolvente, fazia jeitos e trejeitos com a boca, bocejava, enfim, autêntica luta com a tarefa que tinha para resolver e nada avançava!...e todos esperávamos pelo momento de iluminação!

E eis que, a certo momento e em desespero, soltou-se e disse bem alto: “Tio, eu não sei quanto pesava o queijo!”. Aí o tio explicou-lhe que não tinha que saber o peso do queijo, nem o exercício lhe dava indicações nesse sentido. Apenas tinha que trabalhar com os elementos fornecidos. O queijo representava a unidade e o que sobrava, que era a pergunta formulada, seria a diferença entre a unidade e a parte já comida que eram três quartos, segundo dizia o enunciado.

“Ah! sobra um quarto do queijo”. Certo, chegaste lá, respondeu o tio.

Hoje é simples, no entanto de difícil entendimento naquela fase de aprendizagem da nova matéria sobre frações. Também ao longo da nossa vida percorremos novas fases com propostas de novas aprendizagens nem sempre rapidamente entendíveis nas primeiras abordagens!

No início, no despertar para novos conhecimentos, na fase de preparação para novas descobertas, não temos a capacidade suficientemente desenvolvida para abarcar rapidamente a sua totalidade.

O caminho faz-se caminhando, dando passinhos pacientes para o irmos percorrendo, por vezes com o desconforto como companheiro, no entanto insistindo, pois sair da zona de conforto a que nos habituamos desde sempre, não é tarefa fácil.

São as várias etapas que nos levarão à compreensão alargada da informação da nova “matéria”.

O queijo, enquanto símbolo de unidade, ilustra bem que a simplicidade está lá, embora nem sempre interpretada como tal. Quando o menino cansado de revirar os olhos e nada acontecer, de repente afirmou que não sabia quanto pesava o queijo, foi o momento da sua integral disponibilidade assumida e expressa; foi o tempo próprio de acontecer com a sua permissão e a ajuda imediatamente surgiu pela mão do tio que também estava ali disponível apenas dependente do sinal que o menino daria no devido tempo.

Também o UNIVERSO aguarda as nossas decisões numa espera paciente pela nossa participação e genuíno envolvimento com as propostas aos nossos caminhos.

Compete a cada um decidir e fazer as suas escolhas de acordo com o que sentir.

Disponibilidade será a palavra-chave? Talvez sim.

E se de palavra-chave passarmos à ação-chave? Acredito nessa atitude que abre portas e nos projeta em novos voos.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Días!

nome

Maria Silveira

género

POESIA PROSA

título

Morangos

Morangos

Que nem avezinhas a anunciar a Primavera

Eis os pequenos corações vermelhos

Acabados de chegar

Gostosos

Carnudos, suculentos

Cheios de fulgor, atraentes

Desejados, apetecíveis.

Viçosos

Cumprem o seu sazonal regresso

Por todo o lado proliferam

Nossa boca fazem salivar

Saborosos

Sensuais, provocadores

Convite ao deleite amoroso

Em alcova de amantes.

Deliciosos

Demais sentidos fazem vibrar

Por mim chamam

Doces memórias evocam...

Saudosos

Morangos de Sintra

Da minha infância

Em mini cabazes cónicos

Airosos

Por folhas verdejantes forrados

Moldura de morangos vermelho escarlata

Como hoje já não há!



nome

Mítú Branco

gênero

POESIA PROSA

título

Quando eu partir

Quando eu partir

Há tantas coisas que vão acabar
quando eu partir.
Tantos segredos, tantas estórias
que não vou repetir.
Palavras que tantos disseram
que serão esquecidas.
Sorrisos, lágrimas
por tantos vertidas
Tudo partirá e será esquecido.
Assim como eu
que serei a lembrança
de um passado antigo
Mas o amor que te tenho
esse ficará
No ar, nas árvores, no mar.
Em todo o lado por onde passámos.
E se mais ninguém falar nisso
que importa?
Amor como o nosso
jamais será letra morta



nome

Mitú Branco

género

POESIA PROSA

título

3 horas da manhã

3 horas da manhã

São três horas da manhã
Chegaste agora da rua
Abriste a porta e contigo
Entraram o Sol e a Lua
O Sol porque o teu sorriso
Ilumina toda a casa
A Lua porque os teus olhos
São o calor que me abrasa
O tempo passa depressa
Não o podemos parar
Mas que importa se agora
Nos teus braços eu vou estar



JUNHO

2023



Nova Atena
Sabedoria e Bem-Estar



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

NOVA ATENA – UNIVERSIDADE SÉNIOR DE LINDA-A-VELHA
www.novaatena.pt

COORDENAÇÃO Midá Sá-Chaves
DESIGN GRÁFICO Carlos Lopes